

Originalmente para: IV Encontro Nacional (II Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração.

E publicada em: F. L. Viana, M. Martins & E. Coquet (2003). *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática Docente 4*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

A Herança Tradicional na Literatura Contemporânea

Maria da Natividade Pires

Resumo

Esta comunicação debruça-se sobre o estudo dos diferentes percursos que o texto tradicional tem feito ao longo dos anos, através de reelaborações muito diversas, que demonstram as suas variadíssimas potencialidades ideológicas, estéticas e pedagógicas, conforme os contextos em que são explorados.

Abarcamos um arco cronológico, no séc. XX, que vai da década de 40 à de 90, cujos textos têm funcionamentos pragmáticos distintos, em função de destinatários também diferentes, assumindo-se as Histórias de Torrado e Vieira, claramente, até pelas características gráficas, como dirigidas a um público infantil, ao contrário dos romances. O fundo tradicional que alimenta este *corpus* foi estudado através das grandes recolhas dos séculos XIX e XX, tanto em colectâneas como em revistas e publicações periódicas.

Veremos de que modos se refaz o tradicional na época do esbatimento de fronteiras culturais, na sequência das transformações sociais, políticas, económicas, tecnológicas, etc.

Introdução

Esta comunicação tem como base o tema da minha tese de Doutoramento, apresentada há cerca de um ano na Universidade de Coimbra, com o título *Da Literatura Tradicional à Literatura Contemporânea – Pontes e Fronteiras*.

Como o título indica, não me debrucei apenas sobre esse percurso no âmbito da Literatura Infantil. Tentarei dar uma panorâmica da globalidade da investigação, mas conferindo mais atenção aos textos cujos percursos mais se relacionam com a Literatura Infantil. Saliento, no entanto, que esta é uma abordagem “truncada”, que não dá conta da complexidade da investigação feita. Prefiro, contudo, correr esse risco, para não me afastar da temática principal deste Encontro.

A constante descoberta de reelaborações muito diversas do texto tradicional demonstra as suas variadíssimas potencialidades ideológicas, estéticas e pedagógicas, conforme os contextos em que é explorado.

A investigação é fundamentalmente consagrada ao estudo de ligações intertextuais que prendem à literatura narrativa tradicional portuguesa, considerada no âmbito do subgénero “conto”, um “corpus” de textos ficcionais portugueses contemporâneos constituído, por um lado, pela obra poética, narrativa e ensaística de José Régio, com especial enfoque no romance *O Príncipe com Orelhas de Burro* (publicado em 1942), pela conjunto da variadíssima obra literária de José Gomes Ferreira, destacando-se a análise de *As Aventuras de João sem Medo*, (publicado em 63), e constituído, por outro lado, pela colecção *Histórias Tradicionais Portuguesas Contadas de Novo*, de António Torrado, (com 16 títulos, publicada entre 84 e 87) e a colecção *Histórias Tradicionais Portuguesas*, de Alice Vieira (com 14 títulos, publicados entre 91 e 98). Abarquei, assim, um arco cronológico, no séc. XX, que vai da década de 40 à de 90, cujos textos têm funcionamentos pragmáticos distintos, em função de destinatários também diferentes, assumindo-se as Histórias de Torrado e Vieira, claramente, até pelas características gráficas, como dirigidas a um público infantil, ao contrário dos textos dos outros autores.

O fundo tradicional que alimenta este *corpus* foi estudado através das grandes recolhas dos séculos XIX e XX (como a de Adolfo Coelho, etc, - escuso-me a referir essas colectâneas perante um público certamente delas conhecedor), e colhi também material menos conhecido, publicado em Revistas dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, como *A Tradição*, publicada em Serpa, a *Revista do Minho*, *O Arquivo Transtagano*, publicado em Elvas, para dar exemplos de recolhas feitas em diversas regiões do país, salientando complementarmente que há inúmeras monografias de reduzidíssima circulação, com o mesmo objectivo.

Também me foi muito útil a consulta de publicações dedicadas à etnografia e ao folclore, de reduzida circulação, pelo menos actualmente, como *O Douro Litoral* e a *Revista de Etnografia*, que abarcam as décadas de 40 a 70 do séc. XX.

Uma observação se impõe quanto a estas recolhas de fundo tradicional: pretendendo ser fiéis à autenticidade popular, a maioria dos colectores não deixa de introduzir alterações, como aconteceu já com as recolhas levadas a efeito pelos Irmãos Grimm.

A análise intertextual dos textos de tradição oral e as marcas mais ou menos evidentes nos textos destes autores contemporâneos permitiu a verificação das virtualidades do fundo tradicional - o seu uso múltiplo: ideológico, didáctico, lúdico, a sua capacidade simbólica...

A possibilidade da existência de situações híbridas e de mudança de estatuto dos textos são questões que a teorização literária actualmente contempla e o estudo que fiz permite ilustrar claramente que é “(...) pertinente que postulamos a existência do campo literário como vasto domínio de fronteiras algo fluidas”, como considera Reis (1995, p.21)

Veremos de que modos, então, se refaz o tradicional na época do esbatimento de fronteiras culturais, na sequência das transformações sociais, políticas, económicas, tecnológicas, etc.

A herança tradicional da Literatura Contemporânea

Tentar esclarecer a utilização recriadora do fundo tradicional em cada um dos autores seleccionados exigiu-me considerar: 1) o contexto histórico-cultural; 2) o macrotexto autoral para “situação” das obras seleccionadas; 3) a construção “poética” dos textos (processos de elaboração discursiva e de figuração ficcional – elementos diegéticos, sequencialização, construção do espaço e das personagens, simbolização, etc.); e ponto 4), naturalmente, também os hipotextos tradicionais e os processos da sua recriação, mais próxima (a que chamámos “recontos”) ou mais afastada (reelaborações bastante transfiguradoras).

O caso de Gomes Ferreira é também muito esclarecedor, traduzindo a envolvimento neo-realista do autor; mas a subversão paródica que percorre as grandes linhas da ficção de Gomes Ferreira, incluindo referências à Literatura Tradicional, serve claramente as intenções de desmistificação do maravilhoso e de crítica social. No espaço reencontrado pelo herói de *Aventuras de João sem Medo*, por exemplo, ao invés do que acontece no percurso dos heróis dos contos tradicionais, João sem Medo já não é o mesmo e perante este final, ao contrário também do que acontece nesses contos, “(...) *home as a place or a time of innocence can only be an illusion*”, conforme diz Warner (1994, p. 94).

Por exemplo, para dilucidação do ponto 4 - a questão dos hipotextos - procedi a um cuidadoso estudo comparativo, tendo feito um levantamento, nas várias colectâneas, de 93 versões, como possíveis hipotextos, dos recontos de Alice Vieira e 78 versões para António Torrado.

Abordei primeiro questões globais de interpenetração entre Oralidade e Escrita e entre memória colectiva e criação individual.

Alguns autores recentes que analisam de forma muito interessante os circuitos de transmissão e interpenetração de textos escritos e orais são Havelock, Frenk e Manguel e todos eles apontam o Romantismo como momento determinante na recriação literária de temas e textos populares. Daí a importância de, no âmbito da literatura portuguesa, dar relevo ao trabalho de Garrett neste campo, pelo papel fundador na consciência e intencionalidade deste processo de recriação, com diversas repercussões posteriores.

Um dos melhores textos para exemplificar o percurso de reelaboração do tradicional é sem dúvida o caso que analisei pormenorizadamente da criação de *Adozinda*, de Garrett, publicado em 1828, apesar de ser um texto inspirado num romance tradicional e não num conto. Trata-se de um exemplo paradigmático de como um texto pode ser catalisador de um fundo tradicional e de preocupações tipicamente românticas; problematizei, em seguida, o conceito de “Literatura Tradicional”, assim como o de “Literatura Infantil”, debruçando-me sobre a questão do cânone. Canaliciei depois para aspectos mais específicos o trabalho.

A prospecção que levei a efeito, assente numa informação bibliográfica que procurei fosse polifacetada e actualizada, obrigou-me, pois, a considerar um amplo leque de perspectivas que se complementaram:

O enquadramento teórico fundamental é, portanto, o de um conceito de relatividade cultural que conduziu a uma reflexão sobre a relação multifacetada dos textos de tradição oral com a criação literária considerada “erudita”.

Insisto no conceito de **diálogo**, não só por considerar que é efectivamente o processo predominante de interacção entre os vários textos que abordo mas também porque tenho consciência que o uso de taxinomias e classificações muitas vezes ambíguas, “fraccionam” artificialmente a Literatura e poderão sobressair demasiadas “fronteiras”, no entanto, necessitamos de as usar por questões de operacionalidade e como uma orientação no bosque onde o Capuchinho Vermelho ou Hansel e Gretel se perdem, porque é o conjunto das árvores, dos arbustos, das flores, das clareiras e das múltiplas veredas que se cruzam nesse espaço que constitui o bosque, mas é preciso deixar pedrinhas (marcas) pelo caminho para não nos perdermos...

Curiosamente, os romances que trabalhei dão testemunho de uma parcela da Literatura Contemporânea que, estabelecendo diferentes níveis de intertextualidade com a literatura tradicional, nuns casos contribui para a desmistificação mas noutros complexifica, fortemente, mitos e arquétipos.

Independentemente dos contextos sócio-ideológicos, parece ser na literatura para crianças que se aloja, de forma mais patente, o *statu quo*, mas também a subversão do universo dos contos tradicionais.

Assim, a reabilitação destas histórias, que começam a desaparecer dos contextos pragmáticos da actualidade, nada tem de passadista, em nenhum dos quatro autores que abordei mais detalhadamente.

Foi-se consolidando ao longo da minha investigação a convicção de que o “arquétipo” do conto de fadas do imaginário colectivo contemporâneo não corresponde à realidade do conto tradicional português, onde há uma redução do maravilhoso relativamente a esse “arquétipo”, criado pelos contos de Perrault e dos Irmãos Grimm (mais ainda por Perrault, visto que muitos contos dos Grimm – que curiosamente não estão entre os mais divulgados – são contos bizarros, com finais dramáticos e onde surgem não as fadas mas as “sages femmes”) (Péju, 1990, pp. 22-24 e pp. 258-159).

Quanto às alterações introduzidas por António Torrado e Alice Vieira nos seus recontos resultam, essencialmente, de motivações ideológicas, pedagógicas e estéticas (veja-se, a título de exemplo, o reforço que fazem dos *incipit* tradicionais), só que informadas por correntes diferentes daquelas que orientaram os seus antecessores, pelo que nos parece de reforçar a postura de investigadores como Jack Zipes, Hugo Cerda, Ruth Bottigheimer que defendem a importância de uma abordagem dos contos ao nível da sua relação com o contexto sociocultural e portanto histórico, contrariando as abordagens puramente estruturais ou psicanalíticas (como as de Marie Louise Von Franz sobre o inconsciente colectivo, por exemplo), que ignoram estas dimensões.

Toda esta reflexão nos veio confirmar a postulação teórica anteriormente apresentada da “possibilidade de inovar pelo interior da tradição” (Reis, 1995, pp. 291-292) e a necessidade de considerar o processo histórico no seio do qual se dá este diálogo.

Nos últimos anos, a renovação do interesse pelos contos tradicionais como elemento importante, a nível formativo e lúdico, no desenvolvimento da criança, levou ao aparecimento de múltiplas publicações dirigidas ao público infantil. Essas publicações são de tal forma heterogéneas na forma como apresentam esses textos, que é fácil gerar-se uma enorme confusão entre textos recolhidos da tradição oral, textos oriundos dessa tradição mas reescritos por autores contemporâneos e até textos de autor que,

numa atitude subversiva, escrevem autênticas paródias de textos tradicionais, por vezes extremamente interessantes, com fortes implicações ideológicas, de crítica sexista, religiosa, etc., mas nem sempre dirigidas, nem adequadas, a um público infantil. É o que acontece, por exemplo, com o livro de James Finn Garner, *Contos de Fadas Politicamente correctos. Contos de sempre nos tempos modernos* (1996).

Há também confusão de conceitos quanto ao conto popular, conto de fadas literário, e quanto à sua origem de tradição oral, as alterações introduzidas por alguns colectores, mas não assumidas, e ainda os textos de tradição oral que aparecem assinados por um autor, sem haver qualquer explicação prévia sobre a origem ou criação dos textos. Enfim, estas são apenas algumas das problemáticas que se colocam e, como é fácil deduzir, trata-se de um campo literário cuja divulgação sociocultural é bem mais complexa do que parece numa primeira abordagem.

Não é objectivo desta intervenção alongar-se mais em questões teóricas, mas apenas alertar os professores para esta diversidade de situações, de forma a perceberem que nem sempre estão a lidar exactamente com o conto tradicional, o que não invalida o interesse de outro tipo de edições. É, sim, importante, que percebamos que tipo de texto literário temos à nossa frente.

A reescrita

Maria Dolores González Gil (1993) considera que o trabalho de restauração e/ou reabilitação e a aventura da recriação feita por autores contemporâneos, os contos populares brilham com mais força, prestigiados por estudos e recriações, novas contextualizações que não afectam a sua essência e que fazem, afinal, o que sempre foi uma constante no património da tradição popular: “transformações adequadas a novas formas de viver e de ser das sociedades que encaram o desenvolvimento da *“história como progresso”* (p. 27). Esta investigadora dá como exemplo desta situação na literatura espanhola, os textos de Rodríguez Almodóvar, em *Cuentos de la Media Lunita* e *Cuentos al amor de la lumbre*.

Dois autores portugueses contemporâneos cujos livros tiveram, nas últimas décadas, um papel significativo na aproximação aos contos da tradição oral, são António Torrado e Alice Vieira, como já referi, e por isso os selecionei para a investigação académica¹. Nestes casos, confrontamo-nos com reescritas de versões tradicionais.

De referir outros autores, como Luísa Dacosta, com *Lá vai uma... Lá vão duas...*, *Teatrinho do Romão*, etc. (no 1º livro referido dá o seguinte testemunho: “Pela história

¹ Na 1ª colecção existem dezasseis títulos publicados entre 1984-1987, pela Editorial Comunicação, nove dos quais foram reeditados pela Editora Civilização entre 1992 e 1995, sendo estes que se encontram mais facilmente nos circuitos comerciais; na 2ª colecção existem catorze títulos, publicados pela Editorial Caminho, entre 1991 e 1998.

da princesa que queria tanto a seu pai..."); Agustina Bessa-Luís, em *Contos Amarantinos*, refere: "Quanto eu tinha a vossa idade..."); Luísa Ducla Soares, com *O meio galo*, por exemplo, segue a mesma linha estético-literária e pedagógica. Esta última autora tem tido um papel mais significativo, no que diz respeito à divulgação deste tipo de literatura, na recolha e recriação de rimas e lengalengas.

Convém lembrar, em anos mais remotos, o papel de Ana de Castro Osório, a qual, nos finais do Séc. XIX e primeiras décadas do Séc. XX publicou vários contos populares, que normalmente burilava e desenvolvia ao seu gosto pessoal. O que é significativo para este artigo é o facto de se estarem a fazer reedições dos seus contos (*Branca-Flor e outras Histórias*, 1990; *O Esperto e outras Histórias*, 1991; *Contos Tradicionais Portugueses para Crianças*, 1997) confirmando a linha educativa, lúdica e editorial que actualmente reforça a importância destes textos, também como forma de identificação cultural numa sociedade de tendências globalizantes e uniformizadoras.

Os critérios de selecção

Uma situação diferente ao nível da ligação do narrador/ escritor ao texto é, por exemplo, a das *Histórias Tradicionais Portuguesas*, ilustradas por António Modesto e editadas pela Âmbar, em 2000, onde se inclui a indicação explícita de que essas histórias correspondem, cada uma delas, a recolhas de Adolfo Coelho, Ataíde de Oliveira, Consiglieri Pedroso e Teófilo Braga, ou *Fiz da Pernas Coração. Contos Tradicionais Portugueses*, organizados por José António Gomes e publicados pela Caminho, também no ano 2000.

A selecção que este tipo de publicações implica coloca, no entanto, algumas questões, das quais o professor deve ter consciência. Quando se tenta perceber que obras do passado podem manter comunicação com as gerações actuais situamo-nos, habitualmente, num critério de selecção de obras que mais possam agradar às crianças sem abandonar o critério de qualidade que nós, adultos, lhes atribuímos. E o que inclui esse critério de qualidade? Em primeiro lugar, o papel principal da literatura infantil e juvenil para a realização das primeiras experiências literárias e de um itinerário de aprendizagem do uso ficcional e estético da palavra. Em segundo lugar, a experiência de participar num acto socializado que lhes permite partilhar referentes e sentir que integra uma "comunidade de leitores" com os outros membros da sua cultura (Colomer, 2001, p. 70).

Padrino (1993) sem desvalorizar o interesse actual dos contos da tradição oral, problematiza, no entanto, a adequação de alguns desses contos ao leitor infantil, pela sensação de estranheza que algumas componentes ou episódios das narrativas lhe provocam, pela violência e pelo mau gosto. Assim, defende uma *contextualização infantil* desses contos, a qual, no entanto, só pode ser bem elaborada se houver um conhecimento profundo da arte e das condições da narração oral. Apresenta, aliás, um esquema, para clarificar a sua forma de encarar o processo de recriação que permite que o leitor-criança do séc. XXI possa manter o interesse por esta literatura (p.106). Dá vários exemplos de escritores espanhóis cujo interesse pelos contos tradicionais implica essa atitude, entre eles, Elena Fortún e Carmen Bravo-Villasante (todas edições dos anos 80 do Séc. XX).

A subversão

Ora, voltando à atitude de subversão dos contos, essa subversão parece-me ter um efeito lúdico e de contribuição para o desenvolvimento do espírito crítico da criança, sobretudo quando ela já conhece uma das versões da tradição oral do conto. Não me restrinjo, obviamente, à tradição portuguesa, já que muitas das versões mais divulgadas de alguns contos são as de Charles Perrault (Séc.XVII) e dos Irmãos Grimm (Séc.XIX). Poderei dar exemplos de autores contemporâneos de diferentes nacionalidades: dos autores franceses Grégoire Solotareff et Nadja, *Le Petit Chaperon Vert* (1991), dos ingleses Robert Leeson e David Simonds, *Never Kiss Frogs!* (1988), do sueco Jostein Gaarder, *O Palácio do Príncipe Sapo* (1999).

Uma outra atitude criativa relacionada com os contos de tradição oral e que tem dado origem a histórias de enorme actualidade, interligando a nova sociedade tecnológica e citadina com a antiga sociedade da oralidade, da manufactura e essencialmente rural, relaciona-se, por exemplo, com o isolar uma personagem-tipo destes contos (a princesa, o rei, a bruxa) e colocá-los num contexto completamente diferente do universo dos contos tradicionais. As situações são, por vezes, hilariantes, mas também de uma profunda análise crítica da sociedade contemporânea.

Exemplos desses temo-los na obra de Alice Vieira, *Graças e Desgraças da Corte de EL-REI TADINHO, monarca iluminado do reino das cem janelas*, na obra do francês Pef (escritor e ilustrador), *La belle lisse poire du prince de Motordu* (universo diegético onde toda a gente troca as sílabas das palavras, provocando também ao nível linguístico um efeito paródico – o príncipe usa na cabeça um “chateau” em vez de um “chapeau” e habita um “Chapeau” em vez de um “Chateau”, quando a mãe tenta convencê-lo a casar, diz: “ Si tu venais à tomber *salade*, qui donc repasserait ton *singe*?”). Troca, portanto, *malade* por *salade* e *linge* por *singe* e a ilustração reforça a dimensão cómica, já que vemos o castelo em cima da cabeça do príncipe e um macaco, com um ar muito infeliz, espalmado em cima de uma tábua de passar a ferro.

A ilustração

Nas edições contemporâneas, a ilustração é importantíssima e desempenha um papel fundamental no primeiro contacto que a criança tem com o livro (falando agora de um contacto com as histórias não apenas pelo *ouvir narrar*). A ilustração é um elemento de indubitável valor para a formação estética da criança, mas é importante que, na sua relação com o texto, não o adultere nem o distorça, mas o enriqueça. É o que acontece nos livros de Pef.

Um exemplo interessantíssimo, por exemplo, de recriação da história da Branca-de-Neve só pela ilustração é o livro de Manuela Bacelar *Tobias, os Sete Anões e Etc.*, onde os espaços vivenciados pelas personagens não são apenas o palácio, o bosque e a casa dos anões, mas também um misterioso mundo marinho.

A bruxa ou feiticeira é também uma personagem frequente nestes textos paródicos, fonte inesgotável de aventuras mirabolantes, como *Dona Bruxa Gorducha*, com texto de Anabela Mimoso e ilustração de João Caetano, de E. Larruela e R. Capdevila,

La Sorcière Camomille au Congrès de Sorcellerie (há, aliás, uma colecção com aventuras desta personagem). Esta feiticeira Camomille vai a Nova Iorque participar num Congresso e passa por vários contextos onde se atesta a indiferença e alienação que se vive numa grande cidade cosmopolita, onde em Wall Street, no meio só de homens de negócios, ou num restaurante “típico”, que alude ao Macdonald’s, ninguém se descentra o suficiente de si próprio e das suas preocupações para se aperceber sequer que está ali uma BRUXA!...

A integração na cultura do grupo

É esta atitude criadora entre a tradição e a inovação que enriquece o panorama literário e comprova o potencial significativo dos contos da tradição oral.

Quanto ao problema de flutuação de fronteiras, ele existe sempre, não só na selecção destes contos em edições para crianças, mas também em toda a tentativa de definição de um campo de Literatura Infantil e Juvenil. Sejam elas quais forem, são sempre “mediadoras en los primeros encuentros del lector con el sistema semiótico de la literatura, porque son la primeras manifestaciones (orales o escritas) estéticas y de creación a través del lenguaje desde las que el individuo accede a la cultura del grupo”, como diz Mendoza (1993). Além disso, a compreensão da cultura ancestral do grupo social a que pertencemos pode ajudar a uma educação multicultural se esse conhecimento desencadear o desejo de compreender manifestações culturais de outros grupos sociais, cuja realidade actual tem também raízes num passado que se pode manifestar em mais e outras histórias, contos e recontos.

Chegados a este ponto da nossa reflexão, o próprio percurso que fizemos nos conduz à necessidade de enquadrar na problemática mais vasta dos modos de existência da obra de arte, socorrendo-nos da teoria de Gérard Genette, em *L’Oeuvre de l’art. Immanence et Transcendance* (1994). Considera Genette que qualquer identidade específica não pára de se modificar, espontaneamente ou através de intervenção, como é fácil perceber se pensarmos no restauro das obras arquitectónicas, por exemplo.

Este alargamento da questão a outras manifestações artísticas que não a literatura parece-nos importantíssimo nesta conclusão, já que o dilema do lugar a ocupar pelos contos tradicionais, pelas reescritas contemporâneas e pelas intertextualidades de vários tipos que com eles se estabelecem, se enquadra nesta problemática mais vasta das propriedades de imanência e propriedades de manifestação de toda e qualquer obra de arte, existindo nuances e gradações nos vários estatutos das diferentes manifestações artísticas. Nesta postura teórica encontramos o horizonte necessário para a compreensão do lugar que os textos dos autores que estudámos ocupam no tempo e no espaço actual.

A aceitação dos diferentes modos de existência das obras como objectos de relação estética e a comprovação da fragilidade teórica das taxinomias a que se sujeita a classificação da arte, permite compreender os diferentes olhares sobre a Literatura Tradicional, o variável estatuto que lhe tem sido concedido ao longo das épocas, assim como torna aceitável, num quadro teórico e não apenas *impressionista*, a ambiguidade das relações entre Literatura Tradicional, Literatura Culta e Literatura Infantil e a própria ambiguidade de cada um destes conceitos.

Pretendeu-se demonstrar a utilidade deste tipo de investigação como uma contribuição para a compreensão da evolução sociocultural num campo onde se cruzam a literatura, a sociologia, a ideologia, a pedagogia, a psicanálise e, até, a recriação dos textos tradicionais por outras manifestações artísticas, como o cinema, os espectáculos musicais ou o teatro.

Depois deste estudo, chegando a um ponto mais maduro de reflexão sobre questões vitais do funcionamento da obra de arte e em particular da Literatura, questões estas enquadradas sobretudo pelas últimas obras de Umberto Eco (*Os Limites da Interpretação*, 1992) e de Gérard Genette (*L'Oeuvre de L'Art – Immanence et Transcendance*, 1994 e *L'Oeuvre de L'Art – La Relation Esthétique*, 1997), a minha convicção é cada vez mais sólida quanto à relatividade das fronteiras que a teoria e a história literária têm estabelecido e quanto ao significado imanente e transcendente de um texto.

Bibliografia

- ▶ COLOMER, T. (2001). La selección de obras de referencia histórica". In P. Cerrillo & J. García Padrino (Coord.), *La Literatura Infantil en el Siglo XXI*: Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- ▶ GIL, M. D. G. (1993). Las raíces europeas del folclore infantil. . In P. Cerrillo & J. García Padrino (Coord.), *Literatura Infantil de Tradición Popular*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- ▶ MENDOZA, A. (1993). Sobre la reorientación da la crítica en Literatura Infantil y Juvenil. In P. Cerrillo & J. García Padrino (Coord.), *Literatura Infantil de Tradición Popular*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- ▶ PADRINO, J. G. (1993). Son infantiles los cuentos populares. In P. Cerrillo & J. García Padrino (Coord.), *Literatura Infantil de Tradición Popular*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- ▶ PEJU, P. (1990). *La petite fille dans la forêt des contes*. Paris : Éditions Robert Laffont.
- ▶ REIS, C. (1995). *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Almedina, 1995.
- ▶ WARNER, M. (1995). *From the Beast to the Blond on Fairy Tales and Their Tellers*. London: Vintage.